Ano I — Numero 15 Figueiró dos Vinhos, 21 de Janeiro de 1926 Enviado da Redacção

CORREIO DE FIGUEIRÓ

Assinaturas
Serie de 12 numeros .... 2$50
» » 24 » .... 5$00
Numero avulso..... $30
Para as Colonias e Estrangeiro acresce o porte do correio e as despesas de cobrança a cargo do assinante.

SEMANARIO INDEPENDENTE
Director: JOÃO DIAS MANSO
(a quem deve ser enviada toda a correspondencia)
Editor: JOSÉ FRANCISCO DA SILVA
Séde da Administração em FIGUEIRÓ DOS VINHOS
Comp. e imp. na Imprensa Académica. Rua da Sofia — Coimbra

Publicações
Anuncios judiciaes e semelhantes, cada linha $60
Anuncios comerciaes e comunicados, preços convencionaes.
Propriedade da empreza "CORREIO DE FIGUEIRÓ,,

O CRIME DE LESA-PATRIA

O caso do Angola e Metrópole, a maior burla de todos os tempos, é uma conseqüência do nosso enfraquecimento físico e moral.

Um grupo de bandidos levou a sua audácia ao maior crime que resa a nossa história; por uma emissão clandestina pretendia-se desfalcar o tesouro público, provocar a ruína financeira, para depois, como abutres, cravar as garras aduncas e esfomeadas no corpo moribundo da nossa Pátria.

Na consciência dêsses homens nem sequer um estremecimento, nos seus crâneos embebidos na ambição e no egoismo não relampejou sequer, por um momento, a monstruosidade do crime; pautaram friamente todos os seus actos, preparam com mão segura o plano diabólico que arrastaria Portugal para a ruína.

E, fôram portugueses que por si próprio elaboraram a máquina infernal, que deveria explodir e levar nessa explosão para o abismo a Pátria que lhes foi bêrço, a Pátria ganha pelos seus antepassados à custa de sangue e sacrifício. Para êsses homens todos os portugueses que sintam aquelas energias que nos fizeram grandes, devem repelí-los do seu caminho como cães raivosos.

Os nossos códigos, o nosso sistema jurídico, não nos diz qual o sistema a aplicar aos vendilhões da Pátria; a natureza dêste crime está fóra da sua alçada, será preciso, pois, prescrutar a consciência nacional para que ela possa pronunciar o devido castigo que tais criminosos merecem.

Uma onda de lama parece ter pervertido tudo.

Os sentimentos nobres, e as consciências limpas, recolhem-se a um comodismo enervante, deixando o campo livre a meia dúzia de indivíduos ambiciosos, que tripudiando sôbre tudo vão praticando impunemente crimes, certos de que a justiça lhes pertence, e que podem manejar à sua vontade, ao seu capricho.

Foi o *Século* o único jornal, que bem alto e firme iniciou a campanha contra a montanha de notas falsas, que tudo comprava, desde a miséria das ruas às consciências dos altos funcionários. A princípio julgou-se, que era apenas uma burla, mas a morosidade das investigações entregues a um juiz dementado, bem depressa revelaram que através delas, se moviam poderosas influências tendentes a abafar o escândalo, para que não viesse ao conhecimento público a corrupção das figuras em destaque no nosso meio político e financeiro.

Mas, a campanha do *Século* tornava-se mais intensa, apontava nomes como implicados na venda da nação, e inexorável e inflexível ia destruindo a caverna que vomitava as notas, arrancando às podridões dessa caverna, os vermes — os verdadeiros miseráveis dessa aventura.

A opinião pública começa a agitar-se, a nação parece despertar do letargo profundo em que se mergulhara e os governantes sentem a necessidade de agir contra todos os falsários, sem distinção, sem favoritismos com a severidade que tais indivíduos merecem.

O Presidente do Ministério, António Maria da Silva, figura de alta envergadura moral, cônscio da gravidade do momento, entrega superiormente as investigações ao Dr. Alves Ferreira, com os mais amplos poderes. Êste juiz, de carácter nobilíssimo, dá ao processo uma nova orientação, depois de um estudo minucioso e esclarecido vai prendendo todos aqueles que no processo se prove a culpabilidade, independentemente das suas individualidades. Vão em meio as investigações, e já o mistério que envolvia tão tenebroso plano, se desvende, mostrando em tôda a sua nudez a horrível tragédia.

E mais uma vez a Justiça se ergue altiva e soberana, como baluarte das altas virtudes de um povo.

Pela Pátria e em nome de Deus, erguiam-se herois e santos, desvendaram-se oceanos, rasgou-se um mundo novo por onde perpassaram gloriosas as quinas de Portugal, conta-nos a história.

Hoje, pela maldição, em nome do inferno há homens, há almas da nossa raça, que vendiam a ouro a epopeia de um povo — a nação portuguesa.

F.

Impostos Camarários

No manifesto propósito de indispôr contra a digna Câmara o honrado povo do nosso concelho os do pasquim vieram anunciar há dias que a nossa Câmara ía lançar novos impostos e fazer a nomeação de mais empregados etc., etc.

Ora esta notícia é [illegible] quanto há de mais falso e pode o povo estar absolutamente descançado que a respeito de novos impostos só teria que os pagar se tivesse caído na asneira de meter para a sua Câmara a gente dêsse perdido que por lá andou a pedir-lhe votos.

Felizmente para o povo e para todos nós os nossos camaristas são todos dos tais que têem que perder e dos que mais contribuíção predial pagam no nosso concelho, e assim temos a certeza de que êles não caem na asneira de lançar novos impostos, que êles seriam os primeiros a ter que pagar.

Organizar o serviço braçal, isso organizam êles, por que é cousa de absoluta necessidade para reparo das estradas do concelho e que há muito é reclamado por todos nós os que pagamos, mas queremos os caminhos reparados, só o não sendo por os tais do pasquim que, não pagando nada, ainda queriam que lhe concertassemos os caminhos de graça.

Mas hão de pagar como os mais e se não quizerem ir dar o corpo ao trabalho, hão de pagar a dinheiro, que é o que lhes doe.

E quanto a nomeações descanse também o povo que a Câmara ha de nomear uns e despedir outros, conforme achar justo e legal, tendo sempre em vista a boa execução dos serviços públicos e o cumprimento da Lei.

E' isto o que em boa verdade incomoda os tais pataratas que para aí andam a falar para a lua, pensando ainda que o nosso povo se importa com as suas lôas para alguma cousa ou que ha de ser com a cantiga dessa pelintragem que êle se deixe engrolar.

Que farçante!

O próprio mariola que há poucos meses ainda quiz fazer política com o então precário estado de saúde dum honrado comerciante da nossa terra, anunciando cheio de satisfação, num jornaléco que para aí tinha, que êle em breve baixaria à sepultura e indo ao mesmo tempo solicitando dos amigos políticos dêsse comerciante que o abandonassem e que fôssem para o seu grupo, por que êle estava morto, teve agora a desfaçatez de vir anunciar no mesmo jornaléco que essa noticia viera de Aguda, lamuriando-se todo de que o alvejado por ela, se prestasse a ir servir de testemunha contra êle.

Descança farçante, que o comerciante que tão infamemente então alvejaste não é do teu estôfo e portanto o agravo que lhe fizeste e que a repulsa da opinião pública indignada por essa tua baixeza, já então te fez [illegible] decerto no seu depoimento, que necessáriamente foi feito de inteira harmonia com a verdade dos factos, como é timbre das pessoas de bem, a cujo número êsse comerciante pertence.

Lançando a rêde

Este diabo do pasquim tem ás veses cousas que nos fazem rir a valer, e esta rêde que êle agora lançou aos concelhos do norte do distrito, anunciando que ía alargar o formato do jornaléco para defender os seus interêsses, está nesse caso.

Oh! menino, por quem és, não te incomodes, e se a mamadeira das avenças, com que te acabámos, já te faz falta, francamente vê se lanças a rêde para outro lado que dos tais concelhos do norte não vens tu a agarrar nem um centavo.

Sim, os homens dêsses concelhos agradessem mas não aceitam... Embora reconheçam o altissimo valor de tão conceituado órgão de imprensa, contentam-se com a prata da casa e dizem que teem, mas que estão verdes...

Muda, muda de rumo menino, que nesse em que vais perdes o tempo e o feitio, só servindo para te expôr à chacota de quem te lê.

Com a devida vénia

E' do nosso ilustre colega *A Verdade*, de Alemquer o magnifico artigo que vai publicado no logar de honra do nosso jornal.

E' êle de tão palpitante actualidade e está tão de harmonia com o nosso pensar e sentir que não resistimos ao desejo de o publicar.

O ELOGIO DO PADRE
e
A história dos compadres

É já velha a história dos dois compadres, que, sendo, por sinal, dos tais de se lhe tirar o chapeu, tomaram o compromisso de reciprocamente se elogiarem no propósito, é claro, de encobrirem as suas *prendas* aos olhos dos papalvos.

E assim, desde que os dois se encontrassem em lugares onde não fôssem bem conhecidos, um dêles tomava sempre a palavra para elogiar o outro, com a certeza prévia de que a combinada *gentileza* seria logo retribuída.

— ¿O' sr. compadre, afinal, lá na nossa aldeia são tudo uns estúpidos e uns mariolas, pois não é verdade?

— Lá isso é, é sr. compadre, respondia o outro.

— Olhe que pessoas de juízo, de conhecimentos e de vergonha, volvia o primeiro, conheço lá apenas duas e não tenho papas na língua para dizer que uma delas é o senhor meu compadre; e a outra o sr. meu compadre que diga quem é?...

— Isso lá não tem perguntas, sr. compadre. A outra é o senhor meu compadre, ¿pois quem é que *havêra* de ser?...

Aplicando *el cuento* aos pasquineiros da regeneração e vendo do seu último número o elogio que o compadre *Juca* faz do compadre padre, fica se logo com a certeza de que no número seguinte, ou noutro não muito distante, há de necessàriamente vir o elogio do compadre *Juca*, feito, é claro, pelo compadre padre.

Deixando, porém, que os homens, mùtuamente se elogiem, nesse propósito inocente, e que nós não pretendemos contrariar, de fazerem brilhar umas mentalidades em que se não tem reparado, limitâmo-nos, por hoje, a fazer estas ligeiras interrogações:

¿Será bom padre aquele que, na ânsia insaciável dos bens do mundo, abandona durante dias e dias e, por vezes, durante semanas inteiras, a Igreja que lhe confiaram, para andar envolvido em indústrias e negócios dos quais já tem feito balcão na própria Igreja?

¿Será bom padre aquele que, depois de andar numa galopinagem política desefreada, durante a qual instigava os seus paroquianos a faltar a compromissos tomados, se recusa a ir resar uma missa que lhe solicitaram, tendo ainda o descaramento de dizer ao pobre paroquiano, que lhe foi solicitar êsse serviço, para ser pago, já se vê, que fôsse ter com o chefe político com quem votou para lhe resar a missa, porque êle nem lhe resava essa nem voltava à capela do seu lugar resar outra qualquer, visto que todos os dêsse lugar tinham votado contra êle?

¿Será bom padre aquele que passa as noites pelos clubs e teatros da terra, jogando quantias desmarcadas para a sua bôlsa e tomando activa parte em espectáculos públicos, para depois ter com as pobres actrizes scenas edificantes, que não queremos referir?

¿Será bom padre e, sôbre tudo, será bom pároco, aquele que, exactamente na ocasião em que a carestia da vida chegara ao seu auge e mais atribulada tornava portanto a vida das classes pobres, afronta a pobreza da sua freguesia com uma semana inteira de dispendiosas festas mundanas, das quais nem um centavo se retira para minorar a situação angustiosa dessa pobresa, e seguidos de banquetes dispendiosos em que numas horas se consome o que chegava para matar a fome a dezenas de desgraçados?

¿Será bom padre aquele que, pouco tempo depois dessas estrondosas festas, anuncia do alto do altar em que diz a missa, que não recebia dos seus paroquianos côngrua que fôsse inferior a 2$500 réis e que essa côngrua tinha que lhe ser paga por ocasião das confissões, que estavam próximas?

¿Será bom padre, preguntamos ainda, aquele que há poucos meses ainda e por falta de cumprimento dos seus contratos deu aos seus paroquianos o triste exemplo de vir uma casa de Lisboa, de tôda a reputação, exigir-lhe pesadas indemnizações, que teve de pagar; e que há poucos dias apenas, e pelo mesmo motivo, deu a um paroquiano seu o pesado prejuízo de muitos contos de réis?

Muitas outras interrogações havia que fazer, mas por aqui nos quedamos à espera da resposta a estas que aí ficam, e lembrando ao compadre *Juca* que é melhor não tornar a aludir, e por demais falsamente, ao que vai pela casa alheia, para não colocar os tais chefes políticos na dura necessidade de terem também que se ocupar do que vai pela sua.

Prevenção aos incautos

Tem sucedido por veses que vários emigrantes se deixam vigarizar por engajadores sem escrupulos sujeitando-se a irem escondidos nos purões dos navios e a outros vexames mais, só para conseguirem o almejado objectivo de se furtarem ao serviço militar e de irem procurar fortuna em países diferentes.

O que recentemente sucedeu, porêm, a oito compatriotas nossos e a três espanhois que com aquele propósito embarcaram clandestinamente em Bilbau a bordo do paquete francês «Massillia» é de molde a tirar, aqueles que ainda a tiverem, a vontade de se utilizarem dêsses criminosos expedientes.

Descobertos durante a viagem foram logo sujeitos a suplicios tão crueis que um dêles, de nacionalidade espanhola, sucumbiu a êsses suplicios e os outros chegaram ao Rio de Janeiro no mais lamentável estado, tendo uns sido sujeitos a banhos de água a ferver que lhe queimaram as carnes e outros de tal modo agredidos à paulada que chegaram ali cheios de chagas.

A imprensa Brasileira tem-se ocupado largamente dêste deplorável acontecimento fazendo os mais acervos comentários à crueldade de que foram alvos aqueles desgraçados emigrantes.

Aí fica o aviso aos incautos para se precaverem de situações tão desgraçadas.

Operação cirúrgica

Pelos distintos clínicos e habilíssimos operadores, desta vila, srs. Drs. Pedro Crespo de Lacerda e Afonso de Oliveira Guimarães foi há dias feita uma melindrosa operação numa filhinha do nosso amigo e senhor António Marques, desta vila.

Apesar da pouca idade e fraquesa física da operada e aínda da dificuldade da operação, esta foi com tanta perícia levada a efeito que a operada já se encontra livre de todo o perigo e em plena convalescença.

Foi a primeira vez que o nosso ilustre clínico e presado amigo sr. Dr. Lacerda operou com o sr. Dr. Oliveira Guimarães, ficando magníficamente impressionado com a perícia dêste seu novo colega.

Aos habilíssimos operadores e ao nosso amigo e sr. António Marques, os nossos parabens por tão feliz resultado.

Jurados criminais

Foram sorteados jurados criminais desta comarca para a pauta que há de funcionar no presente semestre, os cidadãos seguintes:

Serafim Lopes do Rêgo, Quinta da Ribeira; Abílio Lopes Barata Salgueiro, Troviscais Cimeiros; Augusto de Araujo Lacerda, Figueiró; Albano Alves das Neves, Escalos do Meio; Albano Nunes Roldão, Pedrógam Grande; Albino Fernandes, Castanheira de Pera; António Jacinto Nunes, Aldeia das Freiras; Victorino dos Santos, Arega; Virgílio Fernandes Balão, Carreira; Manuel Antunes Cepas, Castanheira de Pera; Joaquim Ferreira, Figueiró; José Alves Bebiano, Castanheira de Pera; José Inácio Borges, Braçais; Raul da Ascenção Silveira, Figueiró; Miguel Baeta de Almeida, Escalos Fundeiros; António Fernandes Onofre, Pesos Cimeiros; António Lourenço Tavares, Pedrógam Grande; José Duarte Simões Baião, Casal da Fonte; Augusto Lopes Mercês, Figueiró; António Luís Agria, Figueiró; António Vicente Barreto, Pedrógam Grande; Aires Henriques de Campos, Alge; Domingos Teixeira Júnior, Brejo; João Ferreira de Carvalho, Figueiró; António Coelho Henriques David, Pinheiro Bordalo; António Ferreira, Figueiró dos Vinhos; Artur Nunes Agria, Figueiró dos Vinhos; Joaquim de Araùjo Lacerda Júnior, Figueiró dos Vinhos; Júlio Henriques Farinha da Conceição, Pedrógam; Manuel Gomes, Janalvo; Manuel Alves Bebiano, Castanheira de Pera; Manuel dos Santos Abreu, Figueiró dos Vinhos; Caetano Henriques Baeta, Pedrógam Grande; Benjamim Caetano, Bairrada; Artur Sequeira de Carvalho, Figueiró; Emídio Gonsalves Baião, Jarda.

Incorporação de recrutas

Todos os recrutas militares, com excepção apenas dos destinados á Armada, que deviam ter feito a sua apresentação nos corpos a que foram destinados, de 12 a 15 do corrente mês, devem fazel-a desde o dia 2 até ao dia 5 do próximo mês de Fevereiro visto ela ter sido transferida para aquela data pela respectiva Secretaria da Guerra.

A falta de incorporação naquele praso importa a classificação de refractário para os recrutas que a não fizerem, devendo por isso os srs. recrutas terem todo o cuidado em se apresentarem durante os indicados dias, para o que solicitarão préviamente nas secretarias das Câmaras as respectivas guias.

Orçamento Geral do Estado

Pelo Sr. Ministro das Finanças foi apresentado ao Parlamento o Orçamento Geral do Estado para o próximo ano económico de 1926-927 verificando-se dêsse documento que o pobre contribuinte português tem de largar durante aquele período e pelas mil formas por que lhe é exigida a assombrosa cifra de 1.314:377.491$02.

Ora uma tão elevada exigência de impostos evidenceia logo, como bem acentuou o nosso ilustre colega *O Seculo*, que se acha exgotada a capacidade tributária do país, sendo mister cuidar sem demora duma profunda e constante redução de despesas, sem o que infalivelmente caminhamos para um descalabro financeiro das mais funestas consequências, por que a triste verdade é que do mesmo documento se verifica que tão elevada soma é ainda insuficiente para cobrir as despesas previstas havendo um déficit calculado em 83.156:992$45 importância esta que é muito superior á soma de todas as nossas receitas anuais anteriormente á depreciação da nossa moeda!

Ausência de médico

Consta-nos que o médico do 2.º partido municipal dêste concelho se ausentou para Coimbra durante 3 ou 4 dias, da passada semana.

Se efectivamente tal saída se deu e ela não foi autorizada por quem de direito, à digna Câmara pedimos que chame êste seu funcionário ao cumprimento das suas obrigações.

Isto de logares públicos não são obrigatórios para ninguem e quem não quere, não sabe ou não pode exercê-los, tem o caminho aberto que é o da exoneração.

Contribuïções a pagar

E' durante êste mês de Janeiro que se pagam nas respectivas recebedorias os juros e fóros dos antigos conventos, hoje incorporados nos Bens Nacionais.

Quem tiver, pois, tais pagamentos a seu cargo não deixe de os fazer dentro dêste mês se não quer sugeitar-se às despesas do relaxe que, como se sabe, são bastante elevadas.

Também é nêste mês, de novo avisamos os srs. contribuintes, que se paga a taxa militar, a 2.ª prestação da contribuïção predial, a contribuïção industrial, imposto de transacção e imposto de viação e turismo.

Na Câmara tiram-se também agora as licenças para os estabelecimentos comerciais e industriais do concelho e pagam se os impostos directos municipais.

Sempre respondendo...

Isto ainda não ha como prendêl-os curtos!

Amarrámos êsse caricato fanfarrão do pasquineiro ao poste edificante das suas faltas e dos seus roubos e êle espinoteou, ameaçou, insultou, lamurejou, mas afinal teve de render-se à crua realidade dos factos, confessando por um silêncio tácito que tem roubado escandalosamente o desgraçado povo dêste concelho com a exigência de salários a que não tinha direito e com a elevação ao dôbro e ao tríplo daqueles que por lei lhe pertenciam, faltando ainda, e por demais constantemente às obrigações do seu cargo.

Dêsse amontuado de faltas graves que lhe apontamos, com referências a pessoas de que êle podia obter terminantes desmentidos quando menos verdadeiros, o prudente silêncio de Conrado; e para melhor fazê-las esquecer, aquela série de falsidades a nosso respeito, que são bem o retrato da alma tôrva dêsse ladravaz, que, sentindo-se amarrado a um procedimento sem precedentes procura desorientar a opinião pública e confundir com baixos insultos aqueles que, como nós, têem o arrôjo de lh'o lançar em rôsto e de exigir para êle as devidas e legais sanções.

E' quási ociosidade nossa repelir com indignação as afirmações daquele tratante de que fôssemos julgados e condenados por qualquer crime, como ociosidade é repelirmos do mesmo modo que a nossa honorabilidade fôsse ou sequer pudesse ter sido posta em cheque em qualquer emergência ou sindicância; mas como do insulto alguma cousa pode ficar e muita gente haja que dos factos não tenha conhecimento exacto, aqui reptamos êsse estúpido fanfarrão a que nos indique, se pode, os tais julgamentos em que fômos condenados, como êle diz na sua vilíssima prosa.

Aguardamos também que êle no próximo número do pasquim, faça as mais referências que promete, para então melhor dizermos da nossa justiça e apresentarmos à apreciação dos nossos presados leitores um documento da autoria dêste farçante em que se patenteia a consideração em que êle nos tinha e o *rapa-pé* que nos fazia, para melhor levar a têrmo as suas contínuas estorsões.

●

Voltando, porém, ao assunto, das suas faltas, se não dos seus crimes, verifica-se sem custo que o mariola se viu absolutamente impedido de enveredar pelo único caminho que a dignidade lhe apontava e que outro não era que o de provar que eram falsas as acusações que lhe fazem, e de provar ao mesmo tempo a procedência da infame acusação que nos dirigiu, de termos ido ao Avelar pedir ao sr. Dr. Pereira Barata para vir depôr contra êle.

Fácil, ou melhor facílima de fazer era uma e outra prova desde que todas as acusações que lhe fizeram foram acompanhadas de referências a pessoas que reputamos incapazes de faltarem à verdade e que são, por demais, das suas relações, das quais, êle podia portanto obter desmentidos cabais se na verdade os factos arguidos não fôssem absolutamente verdadeiros, sendo do mesmo modo fácil obter do sr. Dr. Pereira Barata a confirmação da sua falsa afirmação, se ela tivesse quaisquer visus de verdade.

Ora sendo os factos verdadeiros, como claramente se deduz do que deixamos escrito, êle não tem mais que sofrer-lhe as conseqüências; e à fé de quem sômos lhe afirmamos que não nos cançaremos fácilmente de exigir as precisas sanções de quem de direito, sem que lhe valham os vilíssimos expedientes de que êle vem lançando mão ora despejando contra nós as mais infames e falsíssimas acusações; ora atribuindo a qualidade de nosso criado, ao queixoso, quando êle e toda a gente sabe que se trata do gerente duma fábrica, que é pessoa de toda a independência e da mais honrosa reputação; ora atribuindo a um colega seu — Vejam que cumulo!! — que é zeloso no cumprimento das suas obrigações, faltas que não cometeu e que êle sòmente inventou para atenuar as suas; e ora dirigindo-nos larvadamente constantes ameaças de pistolas, punhais e estertores agonisantes, que até causam riso aos mais indiferentes!

Reparem bem os nossos presadíssimos leitores: Primeiro veio com essa scena tétrica do nosso estertor agonisante de que tivémos tanto mêdo e tal barulho fez na nossa pobre mioleira que chegámos a supor que já estávamos *morridos*...

Agora veio aquela horripilante ameaça da *justiçada* com o punhal a revôlver as nossas *avariadas miudezas (sic)* e de que estas tal susto apanharam que se puseram a monte, deixando-nos sós com as nossas pobres *grandezas* com que afinal teremos de nos defender dos seus ataques.

E daqui a poucos dias, talvez já no pasquim da próxima semana, hão de vir ainda as ameaças estonteantes das penas infernais com o seu cortejo de chamas sulfurosas a reduzirem a torresmos as nossas míseras carnes, e tudo pelo *horrible* crime de termos posto terminante ponto às pesadas estorsões dêste tratante, e de procurarmos compelil-o ao cumprimento das suas obrigações.

Querias mais mama?

Secou-se a *têta*, que foi bem ubérrima e bem pródiga, como se há de demonstrar no futuro decorrer desta palestra amena a que o maroto nos força, e então se verá se foi o Barreiritos ou se foi o Joaquinzito que se viu na dura necessidade de pôr termo a ambições e exigências tão pesadas.

Se o ofício te não rende para comer, como já para aí se diz, vota-te ao trabalho que tens bom corpo para uma enxada, e não percas mais tempo com ameaças vãs, que são sempre expedientes despresíveis e absolutamente falheiros em poltrões do teu quilate.

Nota importante

Os indivíduos que possuam um só carro de 2 rodas, ou animais até ao número de 2 e que só os empreguem nos seus serviços agrícolas estão isentos do pagamento do imposto de trânsito, mas teem que requerer na Secretaria de Finanças do seu concelho o respectivo título de isenção, de que devem sempre andar munidos os condutores dos carros ou animais.

Aqueles que forem encontrados sem êsse título ou sem a licença, nos casos em que ela é exigida, incorrem na multa de vinte a duzentos escudos, como preceitua a lei.

Um caso curioso

Uma criança de 3 anos perdeu-se numa serra, onde passou dois dias e duas noites, sendo encontrada de perfeita saúde.

Deu-se em Alcaçovas um facto que impressionou toda a população, e que, pelo seu inesperado desenlace, constitui o assunto de todas as conversas.

No passado dia 10, o trabalhador José Henriques e sua mulher Maria Inverninha foram para o campo, a uma propriedade nos arredores desta vila, apanhar azeitona, levando em sua companhia uma filhinha de 3 anos, chamada Maria Augusta.

Distraídos com o trabalho, só pouco depois das 15 horas deram pela falta da criança, e, imediatamente, aflitíssimos, a procuraram, sondando poços e inquirindo por todos os lugares próximos, sem que fôsse possível encontrar a pequenita.

Passou-se a noite, o dia e a noite seguinte, e todos os esforços empregados foram inuteis.

Ante a aflição dos pobres pais, foi resolvido, no outro dia de manhã, que os soldados da G. R. do posto desta vila, aos quais se agregaram cêrca de 500 pessoas, formando uma grande linha, procedessem a rigorosas pesquisas.

Estavam todos prestes a desanimar, pois que eram já 14 horas, quando a criancinha foi encontrada, a uma distância de duas léguas desta vila, dentro do extenso mato da serra do Anel.

O mais curioso do caso, e o que causou admiração a tôda a gente foi que, apesar da pequenina ter passado dois dias e duas noites, que foram frigidíssimas, dentro do matagal, sem alimento e desagasalhada, a encontraram de perfeita saúde e até bem disposta, falando naturalmente com as primeiras pessoas que se lhe aproximaram, e perguntando até ao pai se já tinha apanhado toda a azeitona.

Os pais da criancinha estão reconhecidissimos a todos os que lhes prestaram tão proficuo auxílio.

De *O Século*

"Ilustração"

Principiou há dias a publicar-se em Lisboa, sob êste título, uma magnífica revista portuguesa, em que colaboram as mentalidades nacionais de maior relêvo, tornando a um livro útil e agradabilíssimo que muito recomendamos aos nossos presados leitores.

E' composta na conceituada Empresa Aillaud & C.ª apresentando se magnificamente ilustrada e cuidadosamente composta, mantendo assim as antigas e justificadas tradições daquela importante casa.

A' respectiva empresa agradecemos a gentileza da oferta do seu primeiro número, desejando-lhe as melhores prosperidades, que bem merece.

Aos nossos presados leitores

Pedimos nos relevem a linguagem violenta que de há dias a esta parte, temos tido necessidade de usar para de alguma fórma corresponderm os aos vilissimos ataques que nos teem dirigido. E' já sabido e já velho que quando os lobos entram no povoado teem que ser repelidos com as armas que mais à mão se encontrarem, sem ter que se averiguar se para o seu uso havia ou não a licença legal.

Foi o que nos aconteceu!

Como porêm êstes lobos vão sendo acossados pelos seus próprios crimes, de esperar é que breve fujam espavoridos deixando em paz o nosso ordeiro campo.

Falta de espaço

A falta de espaço com que hoje lutamos obriga-nos a deixar de fazer algumas publicações de relativa importância, que deixamos de reserva para o número seguinte.

Agradecimento

José Augusto Craveiro, na impossibilidade de pessoalmente, como era seu desejo, se despedir de todas as pessoas que tão nobremente o trataram, a sua espôsa Leopoldina Macedo Craveiro, ao seu dilecto amigo Alfredo Pais de Paiva e senhora D. Júlia Pais de Paiva, vem fazê-lo por êste meio e patentear a sua indelével gratidão.

Igualmente agradece, com o mais depurado reconhecimento, a maneira gentil, delicada e fidalga, como lhes trataram as suas idolatradas filhas — Maria da Luz e Matilde Manuela Craveiro, durante o tempo que estiveram em companhia de seus tios — José Pereira de Almeida Cabral e Maria da Luz Craveiro Cabral.

Regista, com desvanecimento, tantas provas de estima e consideração e oferece o seu préstimo e a sua casa a todos os Figueiroenses, em Santa Comba Dão (estação).

José Augusto Craveiro

Gramofone Americano Columbia e Biciclete Americana, em bom estado

Aquele sem corneta e com 25 discos duplos e esta de borrachas ôcas, ou seja sem câmaras d'ar. Vendem-se em conta e nesta redacção se diz.

AGRIA, HENRIQUES & C.ª

ARMAZÉM DE LANIFICIOS

Esta importante casa comercial, situada na Praça José Malhôa, desta villa,
possue um importante sortido de fazendas de lã
tanto nacionaes como estrangeiras,
sendo das poucas casas que vende pelo preço das fabricas,
por fazer com dinheiro seu,
e portanto sem pagamento de pesados juros,
todas as suas compras

Mercearia 5 d'Outubro

DE

Joaquim Estevam Rodrigues

E' situada junto da paragem da camionete
da Castanheira de Pera
nesta villa de Figueiró dos Vinhos
e n'ella encontram os seus presados fregueses
um completo sortido d'artigos
da especialidade
e por preços muito convidativos

Joaquim Ferreira & Filhos

GRANDE ESTABELECIMENTO
DE FAZENDAS DE LÃ
que vende por grosso e miudo
e por preços excessivamente baratos.
E' das casas mais antigas e acreditadas
da nossa terra

Antonio Alves Thomaz Agria

(Sucessor de José Alves Thomaz Agria)

Importante estabelecimento de fazendas, ferragens
e miudezas

SITUADO NA

Praça José Malhôa

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Por virtude do seu trespasse ao novo proprietario
este estabelecimento
vae ser largamente ampliado e sortido
encontrando n'elle os seus numerosos freguezes
largo sortido de artigos de primeira ordem
e por preços modicos

O BARATEIRO DO POVO

Casa comercial de José Miguel Fernandes David

E' o mais importante e mais bem sortido
estabelecimento de fazendas de lã,
seda e algodão,
artigos de ferro e esmalte, miudezas,
etc., etc.

Este grandioso estabelecimento recomenda-se bem pelo seu sortido
completo e variadissimo
e pela modicidade dos seus preços
que são na verdade
muito inferiores aos dos respectivos centros produtores

ESCRIPTORIO FORENSE

ADVOGADO

Dr. Ernesto d'Araujo Lacerda e Costa
(Conservador da comarca)

SOLICITADOR

Augusto d'Araujo Lacerda

Tratam de todas as questões e assumptos da sua especialidade tanto n'esta
comarca, como nas comarcas de Ancião e Alvaiazere
ou quaesquer do Paiz

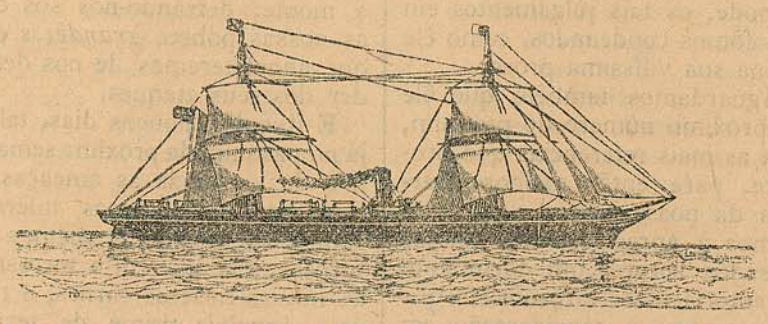
Largo da Praça — FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Recomenda-se este acreditado escriptorio pela seriedade e competencia
dos seus proprietarios e pelos preços modicos de todos os seus serviços

Ricardo Lacerda

AGENTE HABILITADO

Figueiró dos Vinhos



Esta agência trata de passagens e passaportes
para toda a parte do mundo.

Agria, Lacerda & Carvalho

Serração de Madeiras

Importante fabrica de serração de madeiras
situada em Figueiró dos Vinhos
e habilitada a fornecer para qualquer ponto do paiz
e por preços sem competencia
madeiras de pinho em todos os tamanhos
e da melhor qualidade

Recomenda-se esta casa pela sua seriedade e pela
modicidade dos seus preços